



A Diferença e a Repetição em Educação

Marlene Alves dos Santos¹

Resumo: A pesquisa foi desenvolvida embasada na obra de Deleuze: Diferença e Repetição e de outros autores que utilizaram os conceitos filosóficos de Deleuze. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Nosso objetivo é proporcionar ao leitor momentos de reflexão sobre como a diferença e a repetição podem fazer parte das análises de pesquisas realizadas no campo social. Nas considerações finais temos a intenção de apresentar algumas inquietações sobre o desenvolvimento de pesquisa no âmbito das ciências sociais.

Palavras-chave: diferença e repetição, generalidade, pesquisa em educação.

Abstract: The survey was developed based on the work of Deleuze: Difference and Repetition and other authors who used the philosophical concepts of Deleuze. This is a literature search. Our goal is to provide the reader with moments of reflection on difference and repetition can be part of the analysis of social research in the field. The final remarks we intend to present some concerns about the development of research within the social sciences.

Keywords: difference and repetition, generality, research in education.

1 Mestre em Educação pela UFMT e, Professora do Centro Universitário de Várzea Grande.





INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de nossas leituras e discussões no grupo de pesquisa ao qual estamos vinculados – GEDFFE, e das aulas de Filosofia da Educação, do Mestrado em Educação da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso). Salientamos aqui o que nos mobilizou a escrever sobre a Filosofia da diferença. Ela recusa o Uno e pensa o mundo como múltiplo. E assim, o outro, ganha novo sentido.

Nosso objetivo é realizar uma breve exploração sobre a filosofia da diferença de Gilles Deleuze no intuito de contribuir com a área da filosofia da educação e com profissionais e pesquisadores do campo educacional. Para isso realizamos uma pesquisa exploratória do tipo bibliográfica, portanto teórica.

Para realizar esta pesquisa buscamos compreender os conceitos de Filosofia; generalização; diferença; repetição; equivalências e semelhanças.

Para Chauí (2006, p. 25) “filosofia significa amizade pela sabedoria”. Assim, filosofia diz respeito àquele que deseja o conhecimento, que o procura e o respeita. E é contrapondo com a autora que Deleuze critica a generalização do conhecimento, pois esta atitude impossibilita a compreensão da diferença.

A generalização não é um assunto novo na investigação, pois está presente em diferentes áreas científicas. O que pretendemos mostrar nesta produção é que é possível se fazer pesquisa fora do contexto da generalização.

Para discutir esta questão ancoramos em Gilles Deleuze, que inicia sua obra dizendo:

A repetição não é a generalidade. A repetição deve ser distinguida da generalidade de várias maneiras. Todo fórmula que implique sua confusão é deplorável, como quando dizemos que duas coisas se assemelham como duas gotas d’água ou quando identificamos “só há ciência do geral” e “só há ciência do que se repete”. Entre a repetição e a semelhança, mesmo extrema, a diferença é de natureza. (DELEUZE, 2006, p. 19)





No decorrer deste trabalho, temos a intenção de apresentar as ideias principais dos conceitos: Generalidade, Repetição, Diferença, conforme o entendimento de Deleuze, para que possamos compreender como estes conceitos vêm sendo entendidos e aplicados nas pesquisas sociais. Na primeira parte, discorreremos sobre diferença e repetição; Programa de Deleuze para se fazer da repetição algo novo. Abordamos também a repetição como potência infinita. Na segunda parte, falamos da generalidade como uma tendência das pesquisas sociais, procurando discorrer sobre a possibilidade de se fazer pesquisas identificando o que é singular, o que é diferente.

Nosso objetivo com esta produção é suscitar a possibilidade de repensarmos as práticas de investigação que vêm sendo desenvolvidas e utilizar nas investigações científicas os conceitos de diferença e repetição sob um novo prisma, não mais a partir da generalidade, mas a partir da singularidade.

FILOSOFIA DA REPETIÇÃO

Ao iniciar este trabalho tomamos os dois conceitos *Diferença e Repetição*. Para o termo *Diferença* encontramos os seguintes sentidos: falta de igualdade ou de semelhança; dessemelhança; dissimilitude. Já o termo *Repetição* refere-se à ação ou resultado de reproduzir/repetir uma mesma voz ou frase muitas vezes no mesmo período para dar mais força à expressão (<http://aulete.uol.com.br/>).

A diferença está relacionada àquilo que distingue ou torna desiguais as coisas ou pessoas tomadas em comparação, enquanto a repetição está relacionada às ações que realizamos por mais de uma vez.

Para desenvolver este exercício tomamos como referência a obra de Gilles Deleuze (*Diferença e repetição*) para fundamentar esta produção. A tese central de *Diferença e Repetição* é a de que se há repetição não pode ser do mesmo porque no próprio ato de repetir se introduz a diferença. Isto implica que, no lugar do Mesmo, se instala, agora, a diferença. Uma diferença que não é apenas uma diferença específica, isto é, uma diferença conceitual (subsumível, por conseguinte, no Mesmo ou no Uno),





mas uma diferença livre, que não remete nem supõe qualquer identidade de que ela seria ainda uma forma. Na tradição metafísica, a alternativa à identidade e, por conseguinte, o pensamento da diferença equivale a pensar esta como um «abismo indiferenciado (...) onde tudo é dissolvido». Deleuze (DELEUZE, 2006, p. 115). O autor considera também que “não é a diferença que supõe a oposição, mas a oposição que supõe a diferença”. Portanto, não se pode falar de repetição sem falar da diferença. Só se enxerga a repetição quando se percebe a diferença na “coisa” ou fato analisado, portanto, a diferença é motor da repetição.

Através da filosofia da diferença busca-se extrair das coisas e fatos o diferente, uma vez que a diferença é que vai possibilitar construir a repetição. Assim, a diferença deve sair de sua caverna e estabelecer uma prova seletiva que vai determinar quais as diferenças podem ser escritas no conceito da “coisa” ou do “fato” analisado. Dito de outra forma, ao estabelecer a diferença se estabelece também o que é diferente; por que se é diferente, como se é diferente, no sentido de determinar a identidade do conceito da “coisa” ou do “fato” analisado. Vale lembrar, que a diferença entre duas coisas é apenas empírica, pois esta ocorre por representações. Contudo, Deleuze nos adverte sobre o risco da representação, pois ela é estática, lembrando-nos que as coisas estão sempre em movimento.

Segundo Deleuze, ao identificar a diferença ela se explica, mas ela tende a anular no sistema em que se explica. Isto ocorre porque, ao ser identificada, a diferença se dissolve e passa a ser única, ou seja, singular para aquilo que é geral. Ao se extrair a diferença do geral, ela deixa de pertencer à generalidade, tornando-se particular, única, singular, passando a fazer parte daquilo que Deleuze chama de repetição. Portanto, em “cada momento da diferença deve ser encontrada sua verdadeira figura, a seleção, a repetição, o a-fundamento, o complexo questão-problema” (DELEUZE, 2006, p. 108).

A diferença é, ao mesmo tempo, origem e destino da repetição. “O interior de uma repetição é sempre afetado por uma ordem da diferença; na medida em que algo está relacionado a uma repetição de ordem diferente da sua, a repetição por vezes aparece como exterior e nua e este algo aparece submetido às categorias da generalidade” (*Ibidem*, p. 51-2).

Então quando e por que repetição?





Como precisa Deleuze, temos o direto de falar de repetição quando nos encontramos diante de elementos idênticos e que tem absolutamente o mesmo conceito. É preciso pensar a repetição com adjetivo de dois gêneros. É preciso encontrar o Si da repetição, a singularidade naquilo que se repete. É preciso distinguir também as formas de repetição. Em todo caso, a repetição é a diferença sem conceito, pois é posta somente como exterior ao conceito, diferença entre objetos representados sobre o mesmo conceito, caindo na indiferença do espaço e do tempo. “A repetição é o ser informal de todas as diferenças, a potência informal do fundo que leva cada coisa a esta, “forma” extrema que sua representação se desfaz. O *díspar* é o último elemento da repetição que se opõe a identidade da representação” (*Ibidem*, p. 95).

Deleuze acredita que só se pode repetir aquilo que não é explicável, ou seja, a música, a poesia, pois ao explicá-las, alteram-se os conceitos, descaracteriza-se o sentido da música, da poesia. Portanto, estas perdem a sua essência e deixam de ser o que são caindo-se na generalização.

“A verdadeira repetição dirige-se a algo de singular, de intocável e de diferente – «sem identidade». No lugar de trocar o semelhante e de identificar o mesmo, a verdadeira repetição autentica o diferente”. (*Ibidem*, p. 26-7)

É preciso encontrar a possibilidade da repetição na diferença e enxergar a potência do diferente no geral. É por isso que Deleuze propõe o Programa de uma filosofia da repetição a partir de quatro proposições. Ele acredita que é preciso encontrar a possibilidade da repetição na diferença. Segundo ele, repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente, pois a semelhança e a equivalência referem-se à generalidade, como veremos adiante.

Em seu Programa, a primeira proposição apresentada, é fazer da repetição algo novo, isto é, uma liberdade e uma tarefa da liberdade. Portanto, para fazer da repetição algo novo é preciso deixar de lado o hábito, por que o hábito generaliza as particularidades da memória, impossibilitando que se perceba o singular em meio à generalidade.

O hábito nunca forma uma verdadeira repetição: ora é a ação que muda e se aperfeiçoa uma intenção permanecendo constante, ora, a ação permanece igual em maiores intenções e contextos diferentes. Ainda aí, se a repetição é





possível, ela só aparece entre duas generalidades, sob estas duas generalidades, a de aperfeiçoamento e a de integração, mesmo que se deva subvertê-las dando testemunho de outra potência. (*Ibidem*, p. 24).

Na segunda proposição Deleuze diz que é preciso opor a repetição às leis da natureza. Se a repetição diz respeito ao âmago da vontade, é porque tudo muda em torno da vontade. Então,

Se a repetição existe, ela exprime ao mesmo tempo uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos a repetição é transgressão. Ela põe a lei em questão, denuncia seu caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística. (*Ibidem*, p. 21).

Quanto à terceira proposição, esta opõe a repetição à lei moral, e aí o eterno retorno é a melhor resposta ao problema moral. A lei moral se aproxima da ideia do professor público e do doutor da lei, que faz a mediação com a generalidade, enquanto o professor privado pensa o singular. Então, opor a lei moral é dizer sim a alguma coisa, ou seja, é fazer dela suspensão da ética. “A repetição aparece como logos do solitário, do singular, o logos do “pensador privado” (*Ibidem*, p. 26).

Na quarta proposição do Programa, Deleuze sugere que devemos opor a repetição não só à generalidade do hábito, mas às particularidades da memória. “Talvez seja o hábito que consiga “tirar” algo novo de uma repetição contemplada de fora” (*Ibidem*, p. 27). A memória talvez reencontre os particulares dissolvidos na generalidade. Em Nietzsche e Kierkegaard esses pensamentos se dissolvem, e a repetição é o pensamento do futuro. A repetição se opõe à antiga categoria da reminiscência e a moderna categoria de hábitos. “É na repetição, é pela repetição que o esquecimento se torna uma potência positiva e o inconsciente, um inconsciente superior positivo”. (*Ibidem*, p. 26-7)

De acordo com Deleuze, Kierkegaard fala da repetição como potência infinita que se diz de uma só vez, da eternidade que se diz de um instante, o inconsciente que se diz da consciência; a potência.





A vontade de potência está presente onde há vida. Portanto, a vontade de potência está presente nos numerosos seres vivos microscópicos que formam o corpo, na medida em que cada um deles *quer* prevalecer na relação com os demais. Encontra-se, pois, em todo ser vivo espalhada no organismo, atuando nos diminutos elementos que o constituem. Desta forma, “a vontade de potência só pode manifestar-se, em face de *resistências*. E é por encontrar resistências que a vontade de potência se exerce; é por exercer-se que torna a luta inevitável” (MARTON, 1990, p. 30).

A repetição diz respeito ao interior da vontade por que tudo muda em torno da vontade. Assim, de acordo com Deleuze, Nietzsche apresenta o eterno retorno como expressão imediata da vontade de potência. E diz que elevar o que se quer à enésima potência é extrair sua forma superior graças à singularidade da repetição no próprio eterno retorno. “O eterno retorno diz: o que quiseses, queira de tal maneira que também queiras seu eterno retorno” (*Ibidem*, p. 27). O eterno retorno não significa a permanência do mesmo, ou o estado de equilíbrio, nem a permanência do idêntico, assim, o que retorna, retorna da singularidade daquilo que é único e que não pode ser explicado, mas contemplado, assim:

O eterno retorno, segundo Nietzsche, não é de modo algum um pensamento do idêntico, mas um pensamento sintético, pensamento do absolutamente diferente que reclama fora da ciência um princípio novo. Esse princípio é o da reprodução do diverso enquanto tal, o da repetição da diferença. [...] no eterno retorno, não é o mesmo ou o uno que regressam, mas o eterno retorno é ele próprio o uno que se diz do diverso e do que difere. (Deleuze, 2001, p. 72).

A repetição tem a potência, e com a ideia do eterno retorno de que tudo volta, a repetição tem uma potência que faz com que ela volte sempre, enquanto a generalidade elimina a repetição, porque ela equivale às coisas, e elimina a diferença. Significa dizer que a repetição mobiliza a diferença. Portanto, a repetição como o eterno retorno está para além do bem e do mal, deseja tudo e tudo diz respeito à vida.



GENERALIDADE: TENDÊNCIA DAS PESQUISAS SOCIAIS

Segundo Thiry-Cherques (2009), até o final do século XIX considerava-se que o objetivo de qualquer ciência fosse produzir generalizações ou leis que estabelecessem as relações causais existentes entre fenômenos do universo. A ciência natural havia progredido ao descobrir as conexões invariantes e necessárias em um universo ordenado, que obedecia a regularidades ou leis. O mesmo se esperava das ciências humanas e sociais.

Ainda segundo Thiry-Cherques no campo das ciências humanas e sociais, naquilo que se refere à generalização, existe um divisor de águas que separa os métodos positivistas dos demais. Estes utilizam sistemas de inferência indutivos - vale dizer, métodos e técnicas em que o raciocínio parte de dados particulares (fatos, experiências, enunciados empíricos) -, determinando - por uma sequência de operações cognitivas de extensão, extrapolação ou analogia - classes mais gerais, indo dos efeitos à causa, das consequências ao princípio, da experiência à teoria. Assim,

A generalização é a operação intelectual que reúne em uma classe, em um conceito ou em uma proposição um conjunto de objetos singulares com características comuns. Refere-se a um número finito ou indefinido de indivíduos, nisso diferindo da universalização. Aplica-se aos indivíduos de uma classe, de um conceito ou de uma proposição dada. Por exemplo, o conceito de “computador” é geral. Distingue-se de coletivo, que se aplica a indivíduos como grupo. O conceito “rebanho” é coletivo. O geral se funda na operação de generalização, enquanto o coletivo se funda na totalização do singular. O geral distingue-se do universal, que é um caso extremo, no qual todos os indivíduos, sem exceção, estão incluídos. (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 622).

No início deste artigo vimos que a repetição deve ser extraída da generalidade. Mas o que entendemos por generalidade?

Buscando no Dicionário Aurélio, encontramos a seguinte ideia-chave para o conceito generalidade: Qualidade do que é geral, do que é considerado em toda sua extensão.





A generalização é um procedimento que vai do conhecido ao desconhecido, cujo valor heurístico se degrada no processo de extrapolação, de extensão e de analogia. Não pode ser corrigida inteiramente pelo probabilismo e sua possibilidade de descoberta, de pertinência e de rigor se desfaz, na medida em que se distancia dos indivíduos da classe, do conceito e da proposição originários. (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 626).

Para Deleuze, a generalidade ocorre pela atribuição de um predicado que transforma objetos ou “coisas” em algo semelhante aos outros, mas isso se dá sempre de forma qualitativa. Assim, tudo que podemos perceber das coisas é aquilo que nossa estrutura racional é capaz de perceber, e a estrutura racional é limitada pelo tempo, pelo espaço, fundamentalmente o que ela cria das coisas é uma representação.

O empenho em dissolver as coisas ou os indivíduos em generalidade é conceitual, que é extremamente prática, e não há dúvida de que ela fundamentalmente opera nas pesquisas sociais. Então, o que precisamos é desconfiar da capacidade que temos de generalizar, e começarmos identificar a diferença, pois esta é o motor da repetição, uma vez que a repetição não é generalidade.

O objetivo da generalidade é extrair da pesquisa aquilo que parece estranho, contudo não significa que não haja dessimetria. O processo da generalização é um processo de força da dessimetria. Por admitirmos e temermos a dessimetria, construímos um processo de generalização. A generalidade é da ordem das equivalências e semelhanças. A equivalência é sempre atribuição de uma qualidade, e os símbolos da generalidade são os ciclos e as igualdades. Os ciclos se referem a uma série de fenômenos que se sucedem numa ordem determinada, ou sequência de fenômenos que se renovam periodicamente. Assim, quando generalizamos alguma coisa, criamos gêneros diferentes para aquilo que determinada coisa é. Portanto, generaliza-se para tirar o que é estranho, para eliminar o diferente. Desta forma “a troca é critério da generalidade” (*Ibidem*, p. 20). A generalidade exprime um ponto de vista segundo o qual um termo pode ser trocado por outro, substituído por outro.

Vamos supor que ao realizarmos uma pesquisa sobre professores, distribuíssemos questionários abertos para coletar os dados. Ao receber de





volta os questionários respondidos, analisaríamos as respostas e as agruparíamos considerando as ordens de equivalências e semelhanças nas respostas. Mas aquilo que apresenta certo estranhamento, algo que ainda não sabemos, geralmente procuramos convergir com o termo professor no momento da sistematização da pesquisa. Portanto, generalizamos para tirar o que é estranho. E nesse sentido, o processo de generalização é um processo de força contra a dissimetria. E ao agirmos desta forma deixamos de considerar as diferenças. E têm sido assim as pesquisas sociais. É mais simples perceber e analisar o que é geral em detrimento àquilo que é único, singular. O que Deleuze propõe em sua tese de doutorado, que deu origem à obra *Diferença e repetição* é justamente realizar pesquisas no intuito de identificar e compreender o que é singular.

Geralmente a pesquisa retrata a generalidade, que é entendida como aquilo que se repete. E nesse caso a generalidade parece ser boa, pois nos dá a sensação de que sabemos. O falseamento de pegar aquela “coisa” individual, singular (o diferente) e encaixá-la na maioria é dissolvido em nome do bem maior que é o saber, a generalidade.

É possível pensar a ciência daquilo que não se repete? E por que não pesquisar a partir do diferente? Que tipo de ciência é essa que busca o que repete que entende que a generalidade é repetição?

Deleuze, afirma:

A repetição não está na extrema semelhança, que a repetição não está na exatidão do que é trocado, e que nem sequer está numa reprodução do idêntico. Nem identidade do mesmo nem equivalência do semelhante- a repetição está na identidade do Diferente. (1996, p. 24).

Como vimos, o motor da repetição é a diferença. Assim, fundamentados em Deleuze entendemos que é importante começar fazer ciência a partir do diferente, daquilo que é estranho. Dito de outra forma, acreditamos que vale a pena investigar a singularidade a partir da generalidade.

Como precisa Deleuze, a generalidade é da ordem das leis. Mas só a lei determina a semelhança dos sujeitos que estão a ela submetidos e a sua equivalência a termo que ela designa. Em vez de fundar a repetição a lei mostra que a repetição é impossível para os puros sujeitos da lei e incita





à mudança. Há variáveis nos termos designados pela lei e na natureza. Há permanência, perseverança, fluxos e variações, mas uma perseverança não faz uma repetição. Contudo, há variáveis pela lei e na natureza, mas estas não fazem uma repetição, pois a repetição é única e singular. “A impossibilidade da repetição, a mudança como condição geral que a lei da natureza parece condenar todas as criaturas particulares, era apreendida em relação aos termos fixos” (p. 21).

Saint-Preux *apud* Deleuze (2006, p. 21), “acredita que a repetição é impossível em razão das mudanças e porque as permanências da natureza adquirem um valor simbólico e não deixam de excluí-lo de sua verdadeira repetição”. De acordo com Deleuze (*Ibidem*, p. 21), se a repetição é impossível, é por ser mais da ordem do milagre do que da lei. Se a repetição pode ser encontrada, mesmo na natureza, é em nome de uma potência que se afirma contra a lei, que trabalham sob as leis, talvez superiores às leis. Se a repetição existe, ela exprime ao mesmo tempo uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um notável contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a variação. Sob todos os aspectos a repetição é transgressão².

A repetição põe a lei em questão, denuncia o caráter nominal ou geral em proveito de uma realidade mais profunda e mais artística. Entendemos que a busca da diferença coloca os métodos convencionais de pesquisa em cheque, pois não aceita a generalidade como essência para o resultado de uma investigação. Ao fazer isto, cria-se o método da diferença, pois o que se busca é a diferença e não a generalidade como costumamos ver nos resultados das pesquisas sociais.

No entanto, ao fazermos a relação entre a experimentação científica e a lei da natureza, parece impossível haver repetição, pois a experimentação constitui meios relativamente fechados e controlados, enquanto os fenômenos naturais produzem ao ar livre toda a experiência, sendo impossível um vasto ciclo de semelhança.

2 A transgressão aqui é entendida como o exercício de encontrar na generalidade no que é diferente, o que não é comum aos olhos dos pesquisadores.





Na experimentação trata-se de substituir uma ordem de generalidade por outra, uma ordem de igualdade por uma ordem de semelhança. Desfazem-se a semelhança para descobrir a igualdade, que permita identificar um fenômeno nas condições particulares de experimentação. (DELEUZE, 2006, p. 20).

Assim, a repetição só aparece na passagem de uma ordem de generalidade para a outra, ou seja, a repetição do ponto de vista da experimentação científica e dos fenômenos da natureza aparecem quando se convencionam uma generalidade. Contudo, a generalidade só representa e supõe uma repetição hipotética, pois se poderá sempre reter e selecionar fatores idênticos que represente o ser-igual do fenômeno. “Em sua essência, a repetição remete a uma potência singular que difere por natureza da generalidade, mesmo quando ela, para aparecer, se apresenta da passagem artificial de uma ordem geral à outra” (*Ibidem*, p. 22).

No ocidente, tem-se a tendência de fazer ciência utilizando-se de uma espécie de filosofia da representação, classificando as “coisas” de forma qualitativa, semelhantes e equivalentes, portanto generalizando. Por exemplo, se eu tomar quatro objetos que tenham o mesmo nome “bola”, mas se os classificarmos de forma diferente e quisermos estabelecer uma generalidade desses objetos que chamamos de bola, então poderíamos dizer que a bola azul é redonda, vermelha é redonda, branca e amarela são redondas. Redonda é a qualidade que torna as bolas semelhantes. Elas não são iguais; têm cores diferentes e até tamanhos diferentes, mas podemos dizer que todas são redondas. Então, a generalidade é a atribuição de um predicado que transforma estes objetos em algo semelhante aos outros. Mas isso sempre é qualitativo e assim generalizamos, criamos um gênero. Mas até que ponto a representação representa as coisas? É isso que Deleuze critica. Ele propõe a possibilidade de operar o pensamento fora do modelo de representação, pois este tem uma tendência de criar conjuntos de enunciados que não caracteriza o que as “coisas” são.

Acreditamos que seja importante começar pensar a ciência de outro modo, e ver a potência naquilo que se repete. “A repetição não supõe o mesmo ou o semelhante, não os têm como prévios, mas, antes pelo contrário, é a repetição que produz o único «mesmo» daquilo que difere a única semelhança do diferente”. (*Ibidem*, p. 25).





Assim, o primeiro exercício é começar entender que há uma ciência clássica estabelecida, que tem como pressuposto que a repetição é a ferramenta da generalidade. O segundo exercício é compreender que a ferramenta da repetição é a singularidade. Portanto, a repetição é construída da singularidade. Neste sentido, “a repetição pertence ao humor e à ironia, sendo por natureza transgressão, exceção, e manifestando sempre uma singularidade contra os particulares submetidos à lei, um universal contra as generalidades que estabelecem a lei” (DELEUZE, 2006, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ler Deleuze, procuramos pensar sobre a possibilidade de se fazer ciência considerando a singularidade. Contudo, admitimos que não é tarefa fácil em virtude do treinamento cultural, vivencial e linguístico que tivemos desde criança e da prática que vem sendo desenvolvida no campo científico no mundo ocidental. É sabido que no ocidente tem-se a prática em desenvolver as pesquisas de modo generalizador.

Após a realização desta pesquisa, acreditamos que precisamos começar perceber o diferente e o particular quando nos colocamos diante de uma investigação científica. É preciso surpreender-se. É preciso produzir ciência da repetição sem generalizar, enxergando o que é dito de novo, sem o dito de todos. Apesar de ser dito de novo, é o dito de um. Assim, o dito de um não deve ser transformado em dito de todos, do rebanho. O grande desafio que estamos empreendendo é a possibilidade de se fazer ciência, oposto do que costumeiramente se faz em ciências sociais. É a possibilidade de desenvolver um movimento de investigação anti rebanho. Deleuze afirma que a força da repetição é que permite a diferença, o singular e o particular. Assim, uma investigação do coletivo, do que é geral não é novo. Portanto, não exige um novo exercício do pesquisador, pois já está fundamentado e legitimado pelas pesquisas sociais. O que conclamamos é a inversão desta prática, pois acreditamos que esse movimento só será possível se observarmos as potências e as forças criadoras presentes nos es-





tudos que estivermos empreendendo, e tirar destes aquilo que é singular, ou seja, aquilo que não é geral, mas único.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilene. *Convite à filosofia*. SP: Ática, 2006.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. António M. Magalhães. Porto: RÉ-S-Editora Lda, 2001.

_____. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *O mistério de Ariana*. Tradução e Prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1996.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora brasiliense, 1990

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. *A validade da generalização*. CADERNOS EBAPE. BR, v. 7, nº 4, artigo 7, Rio de Janeiro, Dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v7n4/07.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2010.